



ENTRELUGARES DA EDUCAÇÃO ESTÉTICA E EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Neila Schulz Reiser

Educação - Ensino-Aprendizagem

O “rolo compressor do racionalismo” instaurado no mundo, sob o impulso da filosofia cartesiana, da ciência e da técnica que desconsidera qualquer fenômeno que não corresponde ao que se chama de razão instrumental exige desvelar propostas para a educação que considera não apenas a lógica, mas instiga o ser humano ao saber reflexivo como possibilidade de melhor compreensão de si, dos outros e do mundo. Dessa forma a pesquisa, vinculada ao Grupo de Pesquisa “Cultura, Escola e Educação Criadora” e à Linha de Pesquisa “Cultura, Tecnologia e Aprendizagem” da Universidade do Vale do Itajaí (Univali), com Bolsa financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), tem como tema a educação estética e a educação ambiental, tendo em vista o propósito de ambas em contribuir para o conhecimento que emancipa o sujeito. A questão de pesquisa é: Quais são os entrelugares entre a educação estética e a educação ambiental? Ferraz explica que o conceito de entrelugar pode ser entendido como a necessidade de demarcar novos olhares e interpretações das relações humanas, que nada mais são do que os reflexos das profundas mudanças nas relações econômicas, comunicacionais e informativas ocorridas nos últimos anos em todos os setores da sociedade, desde os contatos mais íntimos e privados entre os indivíduos até os arranjos administrativos de vastas extensões territoriais do planeta. À vista disso, escolhemos o termo “entrelugares” para aproximar a educação estética e a educação ambiental, pois ele significa o lugar de estranhamento e, ao mesmo tempo, o lugar potencializador de identidades. Para responder à questão problema, delineou-se como objetivo geral explorar os entrelugares entre a educação estética e a educação ambiental. Como objetivos específicos, definiu-se: cartografar o conceito de educação estética e de educação ambiental; problematizar o conceito de experiência; e explicitar as potencialidades entre a educação estética e a educação ambiental a partir de obras de arte contemporânea do acervo do Instituto Inhotim, localizado em Brumadinho, Minas Gerais. A metodologia utilizada apresenta abordagem qualitativa e o método aplicado para produção das potencialidades entre a educação estética e a educação ambiental foi a cartografia, segundo os estudos de Passos, Kastrup e Escóssia (2009). O método permite sublinhar os contornos da razão e sensibilidade destes conhecimentos. A pesquisa está fundamentada em estudos de Friedrich Schiller, Martin Heidegger, Jacques Rancière, Edgar Morin, Francisco Duarte Júnior, Paulo Freire, Michel Maffesoli, entre outros. Compreendemos a educação estética como possibilidade de fazer uma experiência a partir da fruição das dobras da arte que viabiliza o jogo entre razão e sensibilidade, movimenta o impulso lúdico e repercute na autonomia intelectual que emancipa o sujeito e a educação ambiental como elemento de transformação social. Discutimos que o conhecimento que dá lugar ao saber sensível resulta em um corpo educado integralmente que compreende o meio ambiente em toda sua complexidade e, a partir da reflexão e ação, não apenas resiste às adversidades da vida, como também



articula diferentes saberes na busca por soluções de problemas, problemática que valida a pertinência desta pesquisa. Percebemos que a educação estética pela arte é uma das vias de apreensão das percepções do sensível e é pela experiência que o ser humano entende e percebe a vida. Não há educação estética se não fazemos uma experiência. Dessa forma, fizemos uma experiência com A origem da obra de arte, de Marilá Dardot. O percurso, orientado com base na proposta do saber emancipado de Rancière, respondeu a três questões: O que vemos? O que fazemos? O que pensamos sobre a obra? A obra nos falou da vida, de sonhos, de alegrias. Notamos que a compreensão se deu quando deixamos nos atravessar pela obra, ou, nas palavras de Schiller, aceitamos “jogar com a obra”. No jogo, forças da razão e sensibilidade movimentam o conhecimento, mobilizam o impulso lúdico, potencializam nosso entendimento e nos provocam a nos educar esteticamente. Então, ainda em busca dos entrelugares da educação estética e da educação ambiental, fizemos uma experiência com mais cinco obras de arte: Linda do Rosário de Adriana Varejão, Equilíbrio amarrado de Elisa Bracher, Ttéia 1 C de Lygia Pape, Propaganda de Lucia Koch e Folly, de Valeska Soares. Verificamos que os entrelugares são lugares de estranhamento e, ao mesmo tempo, potencializadores de identidades. Assim, enquanto os azulejos de Linda do Rosário trouxeram nojo e fascinação, Equilíbrio amarrado instigou a compreensão do equilíbrio entre corpos sobrepostos de forma irregular e tamanho monumental. Ttéia foi um convite à reflexão sobre a perspectiva dos espaços, e Propaganda encorajou a percepção ambiental sobre a vida e o fim das coisas. A beleza e o encantamento de Folly concretizaram nosso sentimento de pertencimento ao planeta. Esses movimentos de saberes se deram tendo em vista a conexão da arte com a vida. Logo, quando dialogamos com as obras, toda nossa corporeidade produziu significações para além de uma experiência sensorial. Nesse jogo, educamo-nos estética e ambientalmente e exploramos potencialidades entre essas educações. Com as obras, aprendemos que fazer uma experiência é um movimento necessário para nos educarmos, que aciona os saberes sensíveis e inteligíveis, amplia nosso entendimento e estado de ser-no-mundo, promove uma educação transdisciplinar, aviva a imaginação e oportuniza a emancipação. A problematização dessas potencialidades respondeu à questão problema da pesquisa, pois o entrelugar da educação estética e da educação ambiental é o lugar de estranhamento em que o sujeito movimenta razão e sensibilidade, desenvolve autonomia intelectual e se integra no planeta de forma que não perceba a natureza como algo fora de si. O sujeito, então educado, reflete sobre o mundo e constrói as respostas para viver de forma plena e sustentável, ele reconstrói a realidade. Nesse sentido, enfatizamos que falamos da arte não como um meio de provocar consciência ecológica, como instrumento pedagógico que ensina sobre a importância de preservar rios, florestas, o ar, mas como conhecimento que pode nos educar esteticamente, especialmente quando aceitamos “jogar” com a obra, apreciá-la, refletir sobre e mobilizar razão e sentidos. Tratamos da arte como um elemento da vida que nos oportuniza entender de forma mais profunda e complexa o sujeito e a totalidade do mundo. Como recomendações indicamos a continuidade dos estudos e reflexões sobre a educação estética e ambiental a partir da arte, o que pode gerar um avanço de políticas



públicas que aproximem a sociedade das instituições culturais. Outra recomendação é a de explorar os entrelugares estéticos e ambientais que brotam das obras literárias. A terceira margem do rio atravessou este estudo e as palavras de Guimarães Rosa transbordaram reflexões a respeito das relações e da vivência entre os seres humanos.

Palavras-chave: Educação estética; Educação ambiental; Arte.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. O sentido dos sentidos. 5. ed. Curitiba: Criar Edições LTDA., 2010.

FERRAZ, Claudio Benito O. Entre-lugar: apresentação. Entre-Lugar, Dourados, ano 1, n. 1, p. 15-31, 2010.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 53. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HEIDEGGER, Martin. A caminho da linguagem. Petrópolis: Vozes, 2003.

MAFFESOLI, Michel. Elogio da razão sensível. Petrópolis: Vozes, 1998.

MAFFESOLI, Michel. O reconhecimento do passado na~o é conservador ou reacionário, mas sublinha que a vida não existe ex nihilo. Entrevista concedida a Rodrigo de Lemos e Rodrigo Coppe. Estadão, Estado da Arte, São Paulo, 7 jul. 2020. Disponível: <https://estadodaarte.estadao.com.br/entrevista-maffesoli-ea-coppe/>. Acesso em: 10 fev. 2023.

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários a educação do futuro. 10. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 2000.

MORIN, Edgar; KERN, Anne-Brigitte. Terra pátria. Porto Alegre: Sulina, 2003.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RANCIÈRE, Jacques. O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SCHILLER, Friedrich. A educação estética do homem: numa série de cartas. Tradução Roberto Schwarz e Márcio Suzuki. 6. reimp. São Paulo: Iluminuras, 2002.

ROSA, João Guimarães. A terceira margem do rio. In: ROSA, João Guimarães. João Guimarães Rosa: ficção completa. Volume 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017. p. 1326-1330.

Apoio: CAPES